

Nota sobre os Argumentos Modais

por João Branquinho

Discutimos aqui diversos tipos de réplica aos chamados argumentos **modais** habitualmente aduzidos contra as teorias descritivistas do sentido e da referência de nomes próprios. Devitt e Sterelny introduzem dois desses argumentos, os quais se devem ambos a Kripke: o argumento das *necessidades não desejadas* e o argumento da *rigidez perdida*. Queremos verificar até que ponto é que as réplicas em questão são convincentes, e, ao mesmo tempo, identificar os pontos vulneráveis (se é que existem) nos argumentos modais.

1. Antes de delinear os esses argumentos, caracterizemos sumariamente para esse propósito as duas variedades habituais de descritivismo.

A tese definidora da teoria descritivista simples de nomes é a seguinte:

(S) Para cada nome **NN**, para cada utilizador competente **f** de **NN**, e para cada uso de **NN** por **f** num contexto **c**, há uma descrição definida singular **O F** tal que: (a) **f** associa a descrição **O F** a **NN** em **c**; e (b) o sentido de **NN** em **c** é o sentido de **O F** em **c**, sendo a referência de **NN** em **c** determinada nessa base como sendo um objecto **x** se, e só, se **O F** denota **x** em **c**.

(S) é uma tese da forma "\$". Tem um prefixo composto por uma série de quantificadores universais ('cada') seguidos de um existencial ('há uma'). Se eles fossem permutados e este último passasse para a cabeça do prefixo, a tese resultante da forma "\$" seria fortemente implausível: a descrição associada não poderia variar de falante para falante.

A tese definidora da teoria descritivista complexa de nomes é a seguinte:

(C) Para cada nome **NN**, para cada utilizador competente **f** de **NN**, e para cada uso de **NN** por **f** num contexto **c**, há uma colecção **C** de descrições definidas **O F**, **O G**, **O H**, **O I**, ... tal que: (a) **f** associa cada uma das descrições em **C** a **NN** em **c**; e (b) o sentido de **NN** em **c** é o sentido de uma maioria (possivelmente ponderada) de descrições em **C**, sendo a referência de **NN** em **c** determinada nessa base como sendo um objecto **x** se, e só se, uma maioria (possivelmente ponderada) de descrições em **C** denotam **x** em **c**.

2. Do ponto de vista dos argumentos modais anti-descritivistas, corolários importantes das teses (S) e (C) são, respectivamente, as seguintes teses:

(S)* Um objecto x é NN se, e somente se, x é F

(C)* (a) Se um objecto x é F e G e H e I ,..., então x é NN

(b) Se um objecto x é NN , então ou x é F ou x é G ou x é H ou x é I ou...

Como a descrição OF fixa o sentido do nome NN tal como usado por f em c , a bicondicional (S)* é não apenas verdadeira, mas analiticamente verdadeira, no sentido de uma verdade obtida a partir de uma verdade lógica (x é NN se, e só se, x é NN) pela substituição de sinónimos por sinónimos ('é NN ' por 'é F ').

Suponhamos que a descrição 'O filósofo grego que nasceu em Estagira e escreveu a Metafísica' é a descrição que é associada por um falante medianamente competente com o nome 'Aristóteles' e que fixa o sentido do nome no idiolecto do falante. Na teoria descritivista simples, as propriedades expressas pelos predicados intervenientes na descrição são, de um lado, *conjuntamente suficientes* para identificar uma pessoa como sendo a portadora do nome, e, do outro lado, são também *separadamente necessárias* para o mesmo efeito. Todas as frases condicionais seguintes são, por conseguinte, analiticamente verdadeiras:

(1) Se x é um filósofo grego e nasceu em Estagira e escreveu a Metafísica, então x é Aristóteles

(2) Se x é Aristóteles, então x é um filósofo grego

(3) Se x é Aristóteles, então x nasceu em Estagira

(4) Se x é Aristóteles, então x escreveu a Metafísica

(1) exprime a suficiência conjunta; (2), (3) e (4) exprimem a necessidade separada. Obviamente, as predicções correspondentes a estas últimas três frases condicionais – respectivamente, 'Aristóteles é um filósofo grego', 'Aristóteles nasceu em Estagira', e 'Aristóteles escreveu a Metafísica' – são também analiticamente verdadeiras, pois são suas consequências lógicas.)

4. Por outro lado, como à luz do descritivismo complexo uma maioria das descrições na colecção C de descrições fixam o sentido do nome NN tal como usado por f em c , então as frases condicionais em (C)* são, não apenas verdadeiras, mas analiticamente verdadeiras. (a) é analiticamente verdadeira pela seguinte razão. Suponha-se que um objecto x satisfaz todos os predicados intervenientes nas descrições incluídas na colecção C ; segue-se que x satisfaz uma maioria de descrições em C e logo, no descritivismo complexo, segue-se que x é o objecto referido pelo nome. (b) é analiticamente verdadeira pela seguinte razão. Suponha-se que x é o objecto referido pelo nome. Segue-se, no descritivismo complexo, que x satisfaz uma maioria de descrições na colecção C de descrições associadas com o nome; logo, x satisfaz pelo menos um dos predicados

intervenientes nessas descrições. O descritivismo complexo formulado em termos de uma maioria de descrições é assim uma doutrina mais forte do que o descritivismo complexo formulado em termos de uma disjunção de predicados; na medida em que aquela doutrina implica logicamente esta doutrina, mas não conversamente.

Suponhamos que a colecção de descrições {‘O filósofo grego que nasceu em Estagira’, ‘O autor da Metafísica’, ‘O tutor de Alexandre Magno’, ‘O pupilo de Platão’} é a colecção associada por um falante com o nome ‘Aristóteles’ e que fixa o sentido do nome no idiolecto do falante. Então, na teoria descritivista complexa, as propriedades expressas pelos predicados componentes nessas descrições continuam a ser conjuntamente suficientes para identificar uma pessoa como sendo a portadora do nome; todavia, desta vez é apenas a disjunção dessas propriedades que é necessária para o mesmo efeito. Em todo o caso, as frases condicionais seguintes são analiticamente verdadeiras no descritivismo complexo:

- (5) Se x é um filósofo grego que nasceu em Estagira e x escreveu a Metafísica e x ensinou Alexandre e x estudou com Platão, então x é Aristóteles
- (6) Se x é Aristóteles, então ou x é um filósofo grego que nasceu em Estagira ou x escreveu a Metafísica ou x ensinou Alexandre ou x estudou com Platão.

Note-se que (6) não implica logicamente qualquer uma das predicacões simples correspondentes a (2)-(4). Assim, o descritivismo complexo não está comprometido com a necessidade de cada uma delas em separado.

5. Com o descritivismo simples como alvo, o argumento modal das necessidades não desejadas é proposto como a seguinte *reductio* da teoria. Se a teoria fosse verdadeira, uma frase como (1) exprimiria uma verdade necessária, assumindo que qualquer frase analiticamente verdadeira exprime uma verdade necessária: exprime algo que, não só é verdadeiro, como não poderia ser outra coisa por muito que as coisas fossem alteradas. Ora, tal parece não ser manifestamente o caso: uma pessoa diferente de Aristóteles poderia ter todas as propriedades expressas na frase antecedente de (1), caso em que a condicional (1) exprime uma verdade contingente. Logo, o descritivismo simples é uma teoria falsa.

Este argumento aplica-se *mutatis mutandis* à teoria descritivista complexa, na medida em que esta está comprometida com um resultado análogo: a identificação da frase condicional (5) como exprimindo uma verdade necessária. Logo, o descritivismo complexo é uma teoria falsa.

6. Por outro lado, se o descritivismo simples fosse uma teoria verdadeira, então cada uma das frases condicionais (2)-(4) exprimiria separadamente uma verdade necessária, assumindo de novo que qualquer frase analiticamente verdadeira exprime uma verdade necessária. Ora, mesmo aqui, esse parece não ser o caso. Por exemplo, tomando (2), Aristóteles poderia ter-se dedicado à pastorícia, em vez de à filosofia, e ser um pastor egípcio. (2) exprime assim uma verdade contingente.

Finalmente, contrariamente à previsão do descritivismo complexo, mesmo uma frase condicional como (6) parece exprimir um facto meramente contingente. Com efeito, parece claro que Aristóteles poderia não ter nenhuma das propriedades expressas na consequente de (6), e logo não satisfazer a disjunção inclusiva ou soma lógica (Searle) dessas propriedades. Assim, também o descritivismo complexo gera vereditos modais erróneos.

7. O argumento modal da rigidez perdida contra o descritivismo, simples ou complexo, é resumidamente o seguinte.

Premissa 1: Nomes próprios são designadores rígidos dos objectos que designam: se um nome **NN** designa um objecto **x** com respeito ao mundo actual (designa **x** quando empregue numa frase usada para descrever o actual curso de acontecimentos), então **NN** designa **x** com respeito a todo o mundo possível em que **x** exista (designa ainda **x** quando empregue numa frase usada para descrever *qualquer* curso alternativo de acontecimentos no qual **x** exista). Assim, ‘Aristóteles’ designa rigidamente Aristóteles: ao usar uma frase como ‘Aristóteles foi um dramaturgo, não um filósofo’ para descrever uma certa situação contrafactual, estamos a falar de Aristóteles e não de outra pessoa.

Premissa 2: As descrições definidas singulares em uso atributivo que são tipicamente associadas com os nomes pelos falantes não são designadores rígidos dos objectos que denotam. Tome-se uma dessas descrições, **O F**, que denote um objecto **x** com respeito ao mundo actual (que denote **x** quando empregue numa frase usada para descrever o actual curso de acontecimentos). Então tem-se que **O F** denota um objecto **y** diferente de **x**, ou não denota de todo qualquer objecto, com respeito a alguns mundos possíveis em que **x** existe (denota **y**, ou nada de todo, quando empregue numa frase usada para descrever certos cursos alternativos de acontecimentos nos quais **x** exista). Assim, ‘O autor da Metafísica’ não denota rigidamente Aristóteles: ao usar uma frase como ‘O autor da Metafísica suicidou-se’ para descrever uma certa situação contrafactual, podemos bem estar a falar de outra pessoa, não de Aristóteles.

Conclusão: Nomes e descrições desse género têm propriedades semânticas distintas, em especial contribuem de modo diferente para as condições de verdade de frases em que ocorram. Logo, como o sentido de uma expressão é parcialmente determinado pelo género de contribuição que faz para as condições de verdade, o sentido de um nome não pode ser o sentido de uma descrição desse género, ou de uma maioria de descrições desse género.

8. Há dois grandes géneros de réplica aos argumentos modais:

(a) argumentos de natureza filosófica baseados num cepticismo radical em relação a noções modais em geral, e, em especial, em relação à noção de um mundo possível;

(b) argumentos que, com base num recurso ao aparato modal, contestam do ponto de vista descritivista a legitimidade das conclusões dos argumentos modais anti-descritivistas.

6. As réplicas do tipo (a) são habitualmente provenientes de posições empiristas ou naturalistas (ou ambas as coisas), as quais têm dificuldade em acomodar o discurso modal, o qual vêm como estando comprometido como entidades de algum modo indesejáveis.

ã João Branquinho 2000